

{k0} - Jogue em nosso cassino online

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Uma das experiências mais estranhas para mim na maternidade inicial foi uma imagem ou sensação recorrente, enquanto eu estava andando pelas ruas, empurrando a cadeira de passeio, de que uma leve brisa poderia desintegrar-me, dissolver-me {k0} fragmentos ou poeira.

Imagino que alguma parte disso se deva à metamorfose surpreendente (para mim) de se tornar mãe, psicologicamente, fisicamente e socialmente. Mas, ao olhar para trás, tenho certeza de que também tinha a ver com a solidão.

A solidão me causou vergonha admitir, mas a maternidade inicial foi o momento mais solitário de minha vida.

Isso me surpreendeu. Embora tivesse um parceiro suportivo e co-pai, família e amigos, acesso a uma biblioteca e grupos de bebês, e uma tendência para introversão, o arranjo isolado da maternidade moderna foi uma surpresa. Um estudo descobriu que mais de um terço das novas mães no Reino Unido passam oito horas por dia sozinhas com seus bebês, e isso era frequentemente o caso para mim.

Meu bebê era espetacular, como todos eles, mas não conversar com adultos por horas à vez, a maior parte da semana, foi uma experiência peculiar. Isso me comeu. Eu perdi habilidades sociais e confiança. Eu me tornei quieto e, por um tempo, me afastava. Eu lutava para pedir, ou aceitar, ajuda. Eu não sabia como falar sobre o caos do parto, o efeito sobre meu corpo e minha mente - o que, acredito, contribuiu para períodos de depressão e ansiedade.

Pensei que havia algo de errado comigo. Essa não era suposta ser a época mais feliz da minha vida?

Sabemos há algum tempo dos perigos da solidão para a saúde. Seu impacto é comparado ao efeito de fumar 15 cigarros por dia. Mas até recentemente, pouco se sabia sobre a solidão perinatal. De fato, o que estava sentindo não era nada incomum {k0} absoluto.

Alguns estudos sugerem que 80 a 90% das novas mães se sentem solitárias. Um estudo descobriu que 43% das mães abaixo dos 30 anos no Reino Unido se sentiam solitárias o tempo todo. A solidão é mais prevalente na nova paternidade do que na população geral e é mais comum entre determinados grupos de risco, como jovens pais, mães imigrantes e refugiadas, mães sem parceiros suportivos, mães cuidando de um filho com problemas de saúde significativos e pais transgêneros e não binários.

A solidão, sem surpresa, pode levar a doenças mentais. Em 2024, uma revisão de evidências realizada na University College London descobriu que a solidão é um fator de risco chave para a depressão perinatal. A autora principal do estudo, a Dra. Katherine Adlington, disse: "Encontramos que a solidão era central às experiências de mães esperantes e novas com depressão. A solidão crônica - se sentir sozinho frequentemente ou sempre - é agora experimentada por cerca de um terço de novos pais.

Esse nível de solidão e isolamento não parece ideal para uma espécie que depende do contato social para saúde, bem-estar, sobrevivência e aprendizado. Então, por que as mães {k0} nossa sociedade estão tão solitárias?

Alguma solidão existencial na maternidade inicial pode ser inevitável. Por exemplo, descobri que havia um processo individual existencial que eu precisava passar para dar sentido ao fato de trazer uma vida ao mundo através do meu corpo. Mas muita da solidão experimentada por novos

pais é uma consequência de como algumas sociedades contemporâneas estão estruturadas. Tomemos o período imediato após o parto. Em muitas culturas {k0} todo o mundo, incluindo na China, Japão, Índia e América do Sul, as novas mães seguem práticas ou ritos semelhantes após o parto que reconhecem a carga emocional que se tornar mãe traz, bem como o que um corpo passa durante a gravidez e o parto.

Essas geralmente envolvem alguma combinação de refeições ricas {k0} nutrientes, massagens, bebidas e banhos de ervas preparados por parentes próximos femininos, mulheres da comunidade ou assistentes pós-parto contratadas que cuidarão da mãe e do bebê por cerca de 40 dias. A mãe é esperada para descansar e ser cuidada, enquanto alimenta e se liga ao bebê. No Vietnã, o período é chamado *namo*, o que significa "ficar {k0} um ninho". No Nigéria, *omugwo* é o nome da prática cultural Igbo de cuidados pós-parto dados à nova mãe e ao bebê por {k0} mãe ou parentes femininas idosas. No México, uma cerimônia de "fechamento dos ossos" ajudará a fechar emocional e fisicamente o corpo da mulher após a abertura extrema do parto.

'A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão.'

Nas sociedades ocidentais, uma nova mãe é geralmente deixada às próprias disposições após o parto. Ela normalmente dará à luz {k0} um hospital e retornará {k0} casa pouco depois. Se houver um parceiro, ele ou ela geralmente terá duas semanas de licença parental do trabalho e, {k0} seguida, o cuidador primário - geralmente uma mãe - cuidará do bebê {k0} casa por um período de tempo. Um parceiro pode estar de folga por apenas uma semana: {k0} uma consulta governamental publicada {k0} junho de 2024, uma das propostas de "reformas" é permitir que a licença paterna estatutária seja tomada {k0} dois blocos de uma semana separados, {k0} vez de duas semanas consecutivas. Como qualquer pessoa que teve cesariana ou parto lesionado saberá, geralmente leva mais de sete dias para andar normalmente de novo.

Mas {k0} capitalismo tardio, o tempo é dinheiro e as pessoas são pobres {k0} tempo. Em uma pesquisa de 2024 de pais, 14% dos pais que não tomaram nenhuma licença estatutária relataram que estavam muito ocupados para tirar férias do trabalho.

Um pai {k0} casa sozinho com um bebê é um construto relativamente novo. Para a maior parte da nossa história evolucionária, os humanos viviam {k0} pequenos grupos. Isso significava que as mulheres cuidavam dos filhos ao lado de outras, ou forravam juntas com seus bebês próximos. Nossos cérebros e sistemas nervosos evoluíram {k0} sociedades de criação coletiva de crianças.

Esse tipo de criação coletiva de crianças ainda existe hoje. Um estudo recente liderado por Nikhil Chaudhary da University of Cambridge sobre as comunidades Mbendjele BaYaka, que vivem {k0} florestas tropicais no norte da República do Congo, descobriu que múltiplos cuidadores adultos, conhecidos como "allopayers" - responderam a um bebê chorando mais de 40% do tempo, bem como forneceram contato físico próximo.

O apoio à criação de crianças, escreveram os pesquisadores, parece ter sido substancial {k0} nosso passado evolucionário. "Os pais WEIRD (ocidentais, educados, industrializados, ricos e democráticos) hoje estão diante do desafio de criar crianças fora dos sistemas de cuidado cooperativo de crianças que têm sido tão importantes {k0} nossa espécie".

Nos primeiros meses de maternidade, algumas vezes senti que meu sistema nervoso simplesmente não havia evoluído para o cuidado físico, psicológico contínuo e individual que meu bebê precisava, frequentemente sem nenhum tipo de intervalo. Tornou-se um círculo vicioso. A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão. Frankly, mesmo com meus filhos já fora das fases bebê, às vezes ainda assim acontece.

"Se alguém estivesse acima do nosso mundo, eles pensariam que isso é loucura total, porque aqui estão todas essas mães {k0} caixas pequenas," diz Andrea O'Reilly, uma professora na School of Gender, Sexuality and Women's Studies na York University, Toronto, e a fundadora

dos estudos da maternidade, uma disciplina acadêmica que pesquisa tópicos relacionados à maternidade e ao feminismo matricêntrico (um feminismo centrado na mãe). "Como nós vivemos {k0} nossas casas, como organizamos nossos bairros, como organizamos o trabalho é tudo o que contribui para essa privatização absoluta da família."

Em 2024, o Experimento de Solidão descobriu que, inesperadamente, {k0} todo o mundo, as pessoas que vivem {k0} culturas individualistas têm mais chances de serem solitárias.

Por muito tempo, pensei que isso era minha culpa, meu fracasso. Mas desde que escrevi meu livro Matrescence, que é sobre a transição para a maternidade e como afeta a mente, o cérebro e o corpo, estou {k0} correspondência com centenas de mulheres e aprendi que muitas delas sentem a mesma coisa.

Há um aspecto relacional distinto na solidão das novas mães. Um padrão que vi nos mensagens que recebi dos leitores nos últimos anos ou mais desde que o Matrescence foi publicado é um sentimento de vergonha e estigma {k0} torno da experiência subjetiva da maternidade inicial, seguido de um silenciamento do self e isolamento, às vezes ao lado de choque, distress e, às vezes, doença mental.

Um estudo de 2024 liderado pela psicóloga clínica Dr Billie Lever Taylor no King's College London ilumina os aspectos sociais do distress mental pós-natal. Todas as mães se sentiram vergonha e ansiedade sobre serem julgadas "inadequadas", mas as mães de origens étnicas minoritárias, privação, ou que eram solteiras ou jovens sentiram um medo mais forte de serem julgadas como "mães más".

"Houve um senso de solidão nas crenças das mães de que estavam sozinhas {k0} seus sentimentos e deveriam admiti-los, impedindo interações honestas e autênticas com outras pessoas", escreveram Taylor e {k0} equipe. As mães que se sentiam distressadas se retirariam ativamente por medo de "serem um fardo".

A cultura individualista do Reino Unido pode ser uma surpresa para as pessoas de culturas mais coletivistas. Em um estudo de Taylor, uma mãe que se identificava como Black African e Muslim comparou o apoio social para mães {k0} seu país africano natal com a falta dele na Inglaterra. "Se você estiver lá agora, você sabe, seus pais, dar-lhes seus filhos às vezes. Dois dias, três dias, eles estarão com seus pais. Você terá um pouco de descanso. Mas aqui não há ninguém", disse a mulher.

Outros pesquisadores encontraram as causas da solidão perinatal incluem uma falta de reconhecimento das dificuldades de ser mãe, a carga da criação de crianças, a ausência de comunidade e redes sociais, discordância entre expectativas e realidade, e estigma ligado a dificuldades na amamentação.

Um senso de falha entre novos pais surgiu repetidamente {k0} um estudo de 2024 por a Dr Ruth Naughton-Doe, uma pesquisadora fellow na University of York especializada {k0} solidão. "Mas eles não eram fracassos", ela diz. "Eles foram traídos. Traídos por uma sociedade que não valoriza a criação de crianças. Traídos por serviços subfinanciados."

A solidão é uma luta para os pais novos - podemos todos parar de fingir que tudo está bem? | Rhiannon Lucy Cosslett

Naughton-Doe descobriu que os fatores estruturais da solidão eram variados e incluíam pobreza e desigualdade, transporte público inadequado e inabordável, infraestrutura ruim (incluindo calçadas inseguras para cadeiras de passeio e poucos lugares para alimentar ou trocar um bebê), licença parental limitada e baixos salários de maternidade e paternidade.

Medidas de austeridade têm privado comunidades de áreas públicas seguras e acolhedoras para crianças pequenas e cuidadores. Um {k0} cada três crianças com menos de nove anos no Reino Unido não vive perto de um parque infantil. Centenas de bibliotecas fecharam. Centros de cuidados infantis Sure Start tiveram orçamentos cortados {k0} 60% desde 2010, com muitos fechando. A austeridade também erodiu o apoio social: desde 2024 na Inglaterra, os números de enfermeiras visitantes reduziram {k0} 37%.

Um tema comum no trabalho de Naughton-Doe é que as mulheres profissionais são um grupo de

alto risco para a solidão perinatal. "Eles estão acostumados a ser ativos, serem valorizados e é um choque enorme quando assumem um papel que não é valorizado, você precisa aprender no local de trabalho, é sujo e eles são jogados {k0} um papel tradicional."

Um fator agravante na solidão hoje é a intensidade das normas de maternidade contemporâneas {k0} uma sociedade hostil a crianças, que são, de certa forma, mais punidores do que eram para gerações anteriores. Para as gerações de minhas avós, as crianças eram mandadas para trás da porta e diziam para voltar para o jantar. Para minha geração, isso seria impensável.

Acadêmicos como O'Reilly traçam o desenvolvimento da ideologia de maternidade intensiva para o final dos anos 80. É definido por sociólogos como uma série de crenças. Primeiro, que a maternidade é natural e instintiva para as mulheres e que a mãe deve ser a cuidadora primária. As crianças precisam de quantidades copiosas de tempo, energia e recursos materiais. As mães devem ser atentas às necessidades cognitivas e emocionais das crianças. A mãe deve ser satisfeita, feliz e calma.

Sem surpresa, "maternidade intensiva", que agora é estudada e praticada {k0} todo o mundo industrializado, está associada a má saúde mental materna, estresse e esgotamento.

O'Reilly criou seus filhos na década de 80 e 90 {k0} Ontário, Canadá, onde os grupos de bebês e crianças eram realizados principalmente para que as mães tivessem interações sociais e uma xícara de café enquanto seus filhos brincavam. Em algum momento {k0} início do século, uma "obsessão com o desenvolvimento da criança" eclipsou a mãe e o natureza dessas reuniões mudou, ela diz.

O problema não é se concentrar nas necessidades e requisitos de bebês e crianças pequenas. É lutar para atingir esse ideal {k0} condições sociais que tornam isso impossível. John Bowlby, o arquiteto da teoria da ata ``

Partilha de casos

Uma das experiências mais estranhas para mim na maternidade inicial foi uma imagem ou sensação recorrente, enquanto eu estava andando pelas ruas, empurrando a cadeira de passeio, de que uma leve brisa poderia desintegrar-me, dissolver-me {k0} fragmentos ou poeira.

Imagino que alguma parte disso se deva à metamorfose surpreendente (para mim) de se tornar mãe, psicologicamente, fisicamente e socialmente. Mas, ao olhar para trás, tenho certeza de que também tinha a ver com a solidão.

A solidão me causou vergonha admitir, mas a maternidade inicial foi o momento mais solitário de minha vida.

Isso me surpreendeu. Embora tivesse um parceiro suportivo e co-pai, família e amigos, acesso a uma biblioteca e grupos de bebês, e uma tendência para introversão, o arranjo isolado da maternidade moderna foi uma surpresa. Um estudo descobriu que mais de um terço das novas mães no Reino Unido passam oito horas por dia sozinhas com seus bebês, e isso era frequentemente o caso para mim.

Meu bebê era espetacular, como todos eles, mas não conversar com adultos por horas à vez, a maior parte da semana, foi uma experiência peculiar. Isso me comeu. Eu perdi habilidades sociais e confiança. Eu me tornei quieto e, por um tempo, me afastava. Eu lutava para pedir, ou aceitar, ajuda. Eu não sabia como falar sobre o caos do parto, o efeito sobre meu corpo e minha mente - o que, acredito, contribuiu para períodos de depressão e ansiedade.

Pensei que havia algo de errado comigo. Essa não era suposta ser a época mais feliz da minha vida?

Sabemos há algum tempo dos perigos da solidão para a saúde. Seu impacto é comparado ao efeito de fumar 15 cigarros por dia. Mas até recentemente, pouco se sabia sobre a solidão perinatal. De fato, o que estava sentindo não era nada incomum {k0} absoluto.

Alguns estudos sugerem que 80 a 90% das novas mães se sentem solitárias. Um estudo descobriu que 43% das mães abaixo dos 30 anos no Reino Unido se sentiam solitárias o tempo todo. A solidão é mais prevalente na nova paternidade do que na população geral e é mais comum entre determinados grupos de risco, como jovens pais, mães imigrantes e refugiadas, mães sem parceiros suportivos, mães cuidando de um filho com problemas de saúde significativos e pais transgêneros e não binários.

A solidão, sem surpresa, pode levar a doenças mentais. Em 2024, uma revisão de evidências realizada na University College London descobriu que a solidão é um fator de risco chave para a depressão perinatal. A autora principal do estudo, a Dra. Katherine Adlington, disse: "Encontramos que a solidão era central às experiências de mães esperantes e novas com depressão. A solidão crônica - se sentir sozinho frequentemente ou sempre - é agora experimentada por cerca de um terço de novos pais.

Esse nível de solidão e isolamento não parece ideal para uma espécie que depende do contato social para saúde, bem-estar, sobrevivência e aprendizado. Então, por que as mães {k0} nossa sociedade estão tão solitárias?

Alguma solidão existencial na maternidade inicial pode ser inevitável. Por exemplo, descobri que havia um processo individual existencial que eu precisava passar para dar sentido ao fato de trazer uma vida ao mundo através do meu corpo. Mas muita da solidão experimentada por novos pais é uma consequência de como algumas sociedades contemporâneas estão estruturadas.

Tomemos o período imediato após o parto. Em muitas culturas {k0} todo o mundo, incluindo na China, Japão, Índia e América do Sul, as novas mães seguem práticas ou ritos semelhantes após o parto que reconhecem a carga emocional que se tornar mãe traz, bem como o que um corpo passa durante a gravidez e o parto.

Essas geralmente envolvem alguma combinação de refeições ricas {k0} nutrientes, massagens, bebidas e banhos de ervas preparados por parentes próximos femininos, mulheres da comunidade ou assistentes pós-parto contratadas que cuidarão da mãe e do bebê por cerca de 40 dias. A mãe é esperada para descansar e ser cuidada, enquanto alimenta e se liga ao bebê. No Vietnã, o período é chamado *namo*, o que significa "ficar {k0} um ninho". No Nigéria, *omugwo* é o nome da prática cultural Igbo de cuidados pós-parto dados à nova mãe e ao bebê por {k0} mãe ou parentes femininas idosas. No México, uma cerimônia de "fechamento dos ossos" ajudará a fechar emocional e fisicamente o corpo da mulher após a abertura extrema do parto.

'A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão.'

Nas sociedades ocidentais, uma nova mãe é geralmente deixada às próprias disposições após o parto. Ela normalmente dará à luz {k0} um hospital e retornará {k0} casa pouco depois. Se houver um parceiro, ele ou ela geralmente terá duas semanas de licença parental do trabalho e, {k0} seguida, o cuidador primário - geralmente uma mãe - cuidará do bebê {k0} casa por um período de tempo. Um parceiro pode estar de folga por apenas uma semana: {k0} uma consulta governamental publicada {k0} junho de 2024, uma das propostas de "reformas" é permitir que a licença paterna estatutária seja tomada {k0} dois blocos de uma semana separados, {k0} vez de duas semanas consecutivas. Como qualquer pessoa que teve cesariana ou parto lesionado saberá, geralmente leva mais de sete dias para andar normalmente de novo.

Mas {k0} capitalismo tardio, o tempo é dinheiro e as pessoas são pobres {k0} tempo. Em uma pesquisa de 2024 de pais, 14% dos pais que não tomaram nenhuma licença estatutária relataram que estavam muito ocupados para tirar férias do trabalho.

Um pai {k0} casa sozinho com um bebê é um construto relativamente novo. Para a maior parte da nossa história evolucionária, os humanos viviam {k0} pequenos grupos. Isso significava que

as mulheres cuidavam dos filhos ao lado de outras, ou forravam juntas com seus bebês próximos. Nossos cérebros e sistemas nervosos evoluíram {k0} sociedades de criação coletiva de crianças.

Esse tipo de criação coletiva de crianças ainda existe hoje. Um estudo recente liderado por Nikhil Chaudhary da University of Cambridge sobre as comunidades Mbendjele BaYaka, que vivem {k0} florestas tropicais no norte da República do Congo, descobriu que múltiplos cuidadores adultos, conhecidos como "alloparents" - responderam a um bebê chorando mais de 40% do tempo, bem como forneceram contato físico próximo.

O apoio à criação de crianças, escreveram os pesquisadores, parece ter sido substancial {k0} nosso passado evolucionário. "Os pais WEIRD (ocidentais, educados, industrializados, ricos e democráticos) hoje estão diante do desafio de criar crianças fora dos sistemas de cuidado cooperativo de crianças que têm sido tão importantes {k0} nossa espécie".

Nos primeiros meses de maternidade, algumas vezes senti que meu sistema nervoso simplesmente não havia evoluído para o cuidado físico, psicológico contínuo e individual que meu bebê precisava, frequentemente sem nenhum tipo de intervalo. Tornou-se um círculo vicioso. A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão. Frankly, mesmo com meus filhos já fora das fases bebê, às vezes ainda assim acontece.

"Se alguém estivesse acima do nosso mundo, eles pensariam que isso é loucura total, porque aqui estão todas essas mães {k0} caixas pequenas," diz Andrea O'Reilly, uma professora na School of Gender, Sexuality and Women's Studies na York University, Toronto, e a fundadora dos estudos da maternidade, uma disciplina acadêmica que pesquisa tópicos relacionados à maternidade e ao feminismo matricêntrico (um feminismo centrado na mãe). "Como nós vivemos {k0} nossas casas, como organizamos nossos bairros, como organizamos o trabalho é tudo o que contribui para essa privatização absoluta da família."

Em 2024, o Experimento de Solidão descobriu que, inesperadamente, {k0} todo o mundo, as pessoas que vivem {k0} culturas individualistas têm mais chances de serem solitárias.

Por muito tempo, pensei que isso era minha culpa, meu fracasso. Mas desde que escrevi meu livro Matrescence, que é sobre a transição para a maternidade e como afeta a mente, o cérebro e o corpo, estou {k0} correspondência com centenas de mulheres e aprendi que muitas delas sentem a mesma coisa.

Há um aspecto relacional distinto na solidão das novas mães. Um padrão que vi nos mensagens que recebi dos leitores nos últimos anos ou mais desde que o Matrescence foi publicado é um sentimento de vergonha e estigma {k0} torno da experiência subjetiva da maternidade inicial, seguido de um silenciamento do self e isolamento, às vezes ao lado de choque, distress e, às vezes, doença mental.

Um estudo de 2024 liderado pela psicóloga clínica Dr Billie Lever Taylor no King's College London ilumina os aspectos sociais do distress mental pós-natal. Todas as mães se sentiram vergonha e ansiedade sobre serem julgadas "inadequadas", mas as mães de origens étnicas minoritárias, privação, ou que eram solteiras ou jovens sentiram um medo mais forte de serem julgadas como "mães más".

"Houve um senso de solidão nas crenças das mães de que estavam sozinhas {k0} seus sentimentos e deveriam admiti-los, impedindo interações honestas e autênticas com outras pessoas", escreveram Taylor e {k0} equipe. As mães que se sentiam distressadas se retirariam ativamente por medo de "serem um fardo".

A cultura individualista do Reino Unido pode ser uma surpresa para as pessoas de culturas mais coletivistas. Em um estudo de Taylor, uma mãe que se identificava como Black African e Muslim comparou o apoio social para mães {k0} seu país africano natal com a falta dele na Inglaterra. "Se você estiver lá agora, você sabe, seus pais, dar-lhes seus filhos às vezes. Dois dias, três dias, eles estarão com seus pais. Você terá um pouco de descanso. Mas aqui não há ninguém", disse a mulher.

Outros pesquisadores encontraram as causas da solidão perinatal incluem uma falta de reconhecimento das dificuldades de ser mãe, a carga da criação de crianças, a ausência de comunidade e redes sociais, discordância entre expectativas e realidade, e estigma ligado a dificuldades na amamentação.

Um senso de falha entre novos pais surgiu repetidamente {k0} um estudo de 2024 por a Dr Ruth Naughton-Doe, uma pesquisadora fellow na University of York especializada {k0} solidão. "Mas eles não eram fracassos", ela diz. "Eles foram traídos. Traídos por uma sociedade que não valoriza a criação de crianças. Traídos por serviços subfinanciados."

A solidão é uma luta para os pais novos - podemos todos parar de fingir que tudo está bem? | Rhiannon Lucy Cosslett

Naughton-Doe descobriu que os fatores estruturais da solidão eram variados e incluíam pobreza e desigualdade, transporte público inadequado e inabordável, infraestrutura ruim (incluindo calçadas inseguras para cadeiras de passeio e poucos lugares para alimentar ou trocar um bebê), licença parental limitada e baixos salários de maternidade e paternidade.

Medidas de austeridade têm privado comunidades de áreas públicas seguras e acolhedoras para crianças pequenas e cuidadores. Um {k0} cada três crianças com menos de nove anos no Reino Unido não vive perto de um parque infantil. Centenas de bibliotecas fecharam. Centros de cuidados infantis Sure Start tiveram orçamentos cortados {k0} 60% desde 2010, com muitos fechando. A austeridade também erodiu o apoio social: desde 2024 na Inglaterra, os números de enfermeiras visitantes reduziram {k0} 37%.

Um tema comum no trabalho de Naughton-Doe é que as mulheres profissionais são um grupo de alto risco para a solidão perinatal. "Eles estão acostumados a ser ativos, serem valorizados e é um choque enorme quando assumem um papel que não é valorizado, você precisa aprender no local de trabalho, é sujo e eles são jogados {k0} um papel tradicional."

Um fator agravante na solidão hoje é a intensidade dos normas de maternidade contemporâneos {k0} uma sociedade hostil a crianças, que são, de certa forma, mais punidores do que eram para gerações anteriores. Para as gerações de minhas avós, as crianças eram mandadas para trás da porta e diziam para voltar para o jantar. Para minha geração, isso seria impensável.

Acadêmicos como O'Reilly traçam o desenvolvimento da ideologia de maternidade intensiva para o final dos anos 80. É definido por sociólogos como uma série de crenças. Primeiro, que a maternidade é natural e instintual para as mulheres e que a mãe deve ser a cuidadora primária. As crianças precisam de quantidades copiosas de tempo, energia e recursos materiais. As mães devem ser atentas às necessidades cognitivas e emocionais das crianças. A mãe deve ser satisfeita, feliz e calma.

Sem surpresa, "maternidade intensiva", que agora é estudada e praticada {k0} todo o mundo industrializado, está associada a má saúde mental materna, estresse e esgotamento.

O'Reilly criou seus filhos na década de 80 e 90 {k0} Ontário, Canadá, onde os grupos de bebês e crianças eram realizados principalmente para que as mães tivessem interações sociais e uma xícara de café enquanto seus filhos brincavam. Em algum momento {k0} torno do século, uma "obsessão com o desenvolvimento da criança" eclipsou a mãe e o natureza dessas reuniões mudou, ela diz.

O problema não é se concentrar nas necessidades e requisitos de bebês e crianças pequenas. É lutar para atingir esse ideal {k0} condições sociais que tornam isso impossível. John Bowlby, o arquiteto da teoria da ata ``

Expanda pontos de conhecimento

Uma das experiências mais estranhas para mim na maternidade inicial foi uma imagem ou sensação recorrente, enquanto eu estava andando pelas ruas, empurrando a

cadeira de passeio, de que uma leve brisa poderia desintegrar-me, dissolver-me {k0} fragmentos ou poeira.

Imagino que alguma parte disso se deva à metamorfose surpreendente (para mim) de se tornar mãe, psicologicamente, fisicamente e socialmente. Mas, ao olhar para trás, tenho certeza de que também tinha a ver com a solidão.

A solidão me causou vergonha admitir, mas a maternidade inicial foi o momento mais solitário de minha vida.

Isso me surpreendeu. Embora tivesse um parceiro suportivo e co-pai, família e amigos, acesso a uma biblioteca e grupos de bebês, e uma tendência para introversão, o arranjo isolado da maternidade moderna foi uma surpresa. Um estudo descobriu que mais de um terço das novas mães no Reino Unido passam oito horas por dia sozinhas com seus bebês, e isso era frequentemente o caso para mim.

Meu bebê era espetacular, como todos eles, mas não conversar com adultos por horas à vez, a maior parte da semana, foi uma experiência peculiar. Isso me comeu. Eu perdi habilidades sociais e confiança. Eu me tornei quieto e, por um tempo, me afastava. Eu lutava para pedir, ou aceitar, ajuda. Eu não sabia como falar sobre o caos do parto, o efeito sobre meu corpo e minha mente - o que, acredito, contribuiu para períodos de depressão e ansiedade.

Pensei que havia algo de errado comigo. Essa não era suposta ser a época mais feliz da minha vida?

Sabemos há algum tempo dos perigos da solidão para a saúde. Seu impacto é comparado ao efeito de fumar 15 cigarros por dia. Mas até recentemente, pouco se sabia sobre a solidão perinatal. De fato, o que estava sentindo não era nada incomum {k0} absoluto.

Alguns estudos sugerem que 80 a 90% das novas mães se sentem solitárias. Um estudo descobriu que 43% das mães abaixo dos 30 anos no Reino Unido se sentiam solitárias o tempo todo. A solidão é mais prevalente na nova paternidade do que na população geral e é mais comum entre determinados grupos de risco, como jovens pais, mães imigrantes e refugiadas, mães sem parceiros suportivos, mães cuidando de um filho com problemas de saúde significativos e pais transgêneros e não binários.

A solidão, sem surpresa, pode levar a doenças mentais. Em 2024, uma revisão de evidências realizada na University College London descobriu que a solidão é um fator de risco chave para a depressão perinatal. A autora principal do estudo, a Dra. Katherine Adlington, disse:

"Encontramos que a solidão era central às experiências de mães esperantes e novas com depressão. A solidão crônica - se sentir sozinho frequentemente ou sempre - é agora experimentada por cerca de um terço de novos pais.

Esse nível de solidão e isolamento não parece ideal para uma espécie que depende do contato social para saúde, bem-estar, sobrevivência e aprendizado. Então, por que as mães {k0} nossa sociedade estão tão solitárias?

Alguma solidão existencial na maternidade inicial pode ser inevitável. Por exemplo, descobri que havia um processo individual existencial que eu precisava passar para dar sentido ao fato de trazer uma vida ao mundo através do meu corpo. Mas muita da solidão experimentada por novos pais é uma consequência de como algumas sociedades contemporâneas estão estruturadas.

Tomemos o período imediato após o parto. Em muitas culturas {k0} todo o mundo, incluindo na China, Japão, Índia e América do Sul, as novas mães seguem práticas ou ritos semelhantes após o parto que reconhecem a carga emocional que se tornar mãe traz, bem como o que um corpo passa durante a gravidez e o parto.

Essas geralmente envolvem alguma combinação de refeições ricas {k0} nutrientes, massagens, bebidas e banhos de ervas preparados por parentes próximos femininos, mulheres da comunidade ou assistentes pós-parto contratadas que cuidarão da mãe e do bebê por cerca de 40 dias. A mãe é esperada para descansar e ser cuidada, enquanto alimenta e se liga ao bebê.

No Vietnã, o período é chamado *namo*, o que significa "ficar {k0} um ninho". No Nigéria, *omugwo* é o nome da prática cultural Igbo de cuidados pós-parto dados à nova mãe e ao bebê por {k0} mãe ou parentes femininas idosas. No México, uma cerimônia de "fechamento dos ossos" ajudará a fechar emocional e fisicamente o corpo da mulher após a abertura extrema do parto.

'A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão.'

Nas sociedades ocidentais, uma nova mãe é geralmente deixada às próprias disposições após o parto. Ela normalmente dará à luz {k0} um hospital e retornará {k0} casa pouco depois. Se houver um parceiro, ele ou ela geralmente terá duas semanas de licença parental do trabalho e, {k0} seguida, o cuidador primário - geralmente uma mãe - cuidará do bebê {k0} casa por um período de tempo. Um parceiro pode estar de folga por apenas uma semana: {k0} uma consulta governamental publicada {k0} junho de 2024, uma das propostas de "reformas" é permitir que a licença paterna estatutária seja tomada {k0} dois blocos de uma semana separados, {k0} vez de duas semanas consecutivas. Como qualquer pessoa que teve cesariana ou parto lesionado saberá, geralmente leva mais de sete dias para andar normalmente de novo.

Mas {k0} capitalismo tardio, o tempo é dinheiro e as pessoas são pobres {k0} tempo. Em uma pesquisa de 2024 de pais, 14% dos pais que não tomaram nenhuma licença estatutária relataram que estavam muito ocupados para tirar férias do trabalho.

Um pai {k0} casa sozinho com um bebê é um construto relativamente novo. Para a maior parte da nossa história evolucionária, os humanos viviam {k0} pequenos grupos. Isso significava que as mulheres cuidavam dos filhos ao lado de outras, ou forravam juntas com seus bebês próximos. Nossos cérebros e sistemas nervosos evoluíram {k0} sociedades de criação coletiva de crianças.

Esse tipo de criação coletiva de crianças ainda existe hoje. Um estudo recente liderado por Nikhil Chaudhary da University of Cambridge sobre as comunidades Mbendjele BaYaka, que vivem {k0} florestas tropicais no norte da República do Congo, descobriu que múltiplos cuidadores adultos, conhecidos como "alloparents" - responderam a um bebê chorando mais de 40% do tempo, bem como forneceram contato físico próximo.

O apoio à criação de crianças, escreveram os pesquisadores, parece ter sido substancial {k0} nosso passado evolucionário. "Os pais WEIRD (ocidentais, educados, industrializados, ricos e democráticos) hoje estão diante do desafio de criar crianças fora dos sistemas de cuidado cooperativo de crianças que têm sido tão importantes {k0} nossa espécie".

Nos primeiros meses de maternidade, algumas vezes senti que meu sistema nervoso simplesmente não havia evoluído para o cuidado físico, psicológico contínuo e individual que meu bebê precisava, frequentemente sem nenhum tipo de intervalo. Tornou-se um círculo vicioso. A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão. Frankly, mesmo com meus filhos já fora das fases bebê, às vezes ainda assim acontece.

"Se alguém estivesse acima do nosso mundo, eles pensariam que isso é loucura total, porque aqui estão todas essas mães {k0} caixas pequenas," diz Andrea O'Reilly, uma professora na School of Gender, Sexuality and Women's Studies na York University, Toronto, e a fundadora dos estudos da maternidade, uma disciplina acadêmica que pesquisa tópicos relacionados à maternidade e ao feminismo matricêntrico (um feminismo centrado na mãe). "Como nós vivemos {k0} nossas casas, como organizamos nossos bairros, como organizamos o trabalho é tudo o que contribui para essa privatização absoluta da família."

Em 2024, o Experimento de Solidão descobriu que, inesperadamente, {k0} todo o mundo, as pessoas que vivem {k0} culturas individualistas têm mais chances de serem solitárias.

Por muito tempo, pensei que isso era minha culpa, meu fracasso. Mas desde que escrevi meu livro *Matrescence*, que é sobre a transição para a maternidade e como afeta a mente, o cérebro e o corpo, estou {k0} correspondência com centenas de mulheres e aprendi que muitas delas

sentem a mesma coisa.

Há um aspecto relacional distinto na solidão das novas mães. Um padrão que vi nos mensagens que recebi dos leitores nos últimos anos ou mais desde que o Matrescence foi publicado é um sentimento de vergonha e estigma {k0} torno da experiência subjetiva da maternidade inicial, seguido de um silenciamento do self e isolamento, às vezes ao lado de choque, distress e, às vezes, doença mental.

Um estudo de 2024 liderado pela psicóloga clínica Dr Billie Lever Taylor no King's College London ilumina os aspectos sociais do distress mental pós-natal. Todas as mães se sentiram vergonha e ansiedade sobre serem julgadas "inadequadas", mas as mães de origens étnicas minoritárias, privação, ou que eram solteiras ou jovens sentiram um medo mais forte de serem julgadas como "mães más".

"Houve um senso de solidão nas crenças das mães de que estavam sozinhas {k0} seus sentimentos e deveriam admiti-los, impedindo interações honestas e autênticas com outras pessoas", escreveram Taylor e {k0} equipe. As mães que se sentiam distressadas se retirariam ativamente por medo de "serem um fardo".

A cultura individualista do Reino Unido pode ser uma surpresa para as pessoas de culturas mais coletivistas. Em um estudo de Taylor, uma mãe que se identificava como Black African e Muslim comparou o apoio social para mães {k0} seu país africano natal com a falta dele na Inglaterra. "Se você estiver lá agora, você sabe, seus pais, dar-lhes seus filhos às vezes. Dois dias, três dias, eles estarão com seus pais. Você terá um pouco de descanso. Mas aqui não há ninguém", disse a mulher.

Outros pesquisadores encontraram as causas da solidão perinatal incluem uma falta de reconhecimento das dificuldades de ser mãe, a carga da criação de crianças, a ausência de comunidade e redes sociais, discordância entre expectativas e realidade, e estigma ligado a dificuldades na amamentação.

Um senso de falha entre novos pais surgiu repetidamente {k0} um estudo de 2024 por a Dr Ruth Naughton-Doe, uma pesquisadora fellow na University of York especializada {k0} solidão. "Mas eles não eram fracassos", ela diz. "Eles foram traídos. Traídos por uma sociedade que não valoriza a criação de crianças. Traídos por serviços subfinanciados."

A solidão é uma luta para os pais novos - podemos todos parar de fingir que tudo está bem? | Rhiannon Lucy Cosslett

Naughton-Doe descobriu que os fatores estruturais da solidão eram variados e incluíam pobreza e desigualdade, transporte público inadequado e inabordável, infraestrutura ruim (incluindo calçadas inseguras para cadeiras de passeio e poucos lugares para alimentar ou trocar um bebê), licença parental limitada e baixos salários de maternidade e paternidade.

Medidas de austeridade têm privado comunidades de áreas públicas seguras e acolhedoras para crianças pequenas e cuidadores. Um {k0} cada três crianças com menos de nove anos no Reino Unido não vive perto de um parque infantil. Centenas de bibliotecas fecharam. Centros de cuidados infantis Sure Start tiveram orçamentos cortados {k0} 60% desde 2010, com muitos fechando. A austeridade também erodiu o apoio social: desde 2024 na Inglaterra, os números de enfermeiras visitantes reduziram {k0} 37%.

Um tema comum no trabalho de Naughton-Doe é que as mulheres profissionais são um grupo de alto risco para a solidão perinatal. "Eles estão acostumados a ser ativos, serem valorizados e é um choque enorme quando assumem um papel que não é valorizado, você precisa aprender no local de trabalho, é sujo e eles são jogados {k0} um papel tradicional."

Um fator agravante na solidão hoje é a intensidade dos normas de maternidade contemporâneos {k0} uma sociedade hostil a crianças, que são, de certa forma, mais punidores do que eram para gerações anteriores. Para as gerações de minhas avós, as crianças eram mandadas para trás da porta e diziam para voltar para o jantar. Para minha geração, isso seria impensável.

Acadêmicos como O'Reilly traçam o desenvolvimento da ideologia de maternidade intensiva para o final dos anos 80. É definido por sociólogos como uma série de crenças. Primeiro, que a

maternidade é natural e instintual para as mulheres e que a mãe deve ser a cuidadora primária. As crianças precisam de quantidades copiosas de tempo, energia e recursos materiais. As mães devem ser atentas às necessidades cognitivas e emocionais das crianças. A mãe deve ser satisfeita, feliz e calma.

Sem surpresa, "maternidade intensiva", que agora é estudada e praticada {k0} todo o mundo industrializado, está associada a má saúde mental materna, estresse e esgotamento.

O'Reilly criou seus filhos na década de 80 e 90 {k0} Ontário, Canadá, onde os grupos de bebês e crianças eram realizados principalmente para que as mães tivessem interações sociais e uma xícara de café enquanto seus filhos brincavam. Em algum momento {k0} torno do século, uma "obsessão com o desenvolvimento da criança" eclipsou a mãe e o natureza dessas reuniões mudou, ela diz.

O problema não é se concentrar nas necessidades e requisitos de bebês e crianças pequenas. É lutar para atingir esse ideal {k0} condições sociais que tornam isso impossível. John Bowlby, o arquiteto da teoria da ata ``

comentário do comentarista

Uma das experiências mais estranhas para mim na maternidade inicial foi uma imagem ou sensação recorrente, enquanto eu estava andando pelas ruas, empurrando a cadeira de passeio, de que uma leve brisa poderia desintegrar-me, dissolver-me {k0} fragmentos ou poeira.

Imagino que alguma parte disso se deva à metamorfose surpreendente (para mim) de se tornar mãe, psicologicamente, fisicamente e socialmente. Mas, ao olhar para trás, tenho certeza de que também tinha a ver com a solidão.

A solidão me causou vergonha admitir, mas a maternidade inicial foi o momento mais solitário de minha vida.

Isso me surpreendeu. Embora tivesse um parceiro suportivo e co-pai, família e amigos, acesso a uma biblioteca e grupos de bebês, e uma tendência para introversão, o arranjo isolado da maternidade moderna foi uma surpresa. Um estudo descobriu que mais de um terço das novas mães no Reino Unido passam oito horas por dia sozinhas com seus bebês, e isso era frequentemente o caso para mim.

Meu bebê era espetacular, como todos eles, mas não conversar com adultos por horas à vez, a maior parte da semana, foi uma experiência peculiar. Isso me comeu. Eu perdi habilidades sociais e confiança. Eu me tornei quieto e, por um tempo, me afastava. Eu lutava para pedir, ou aceitar, ajuda. Eu não sabia como falar sobre o caos do parto, o efeito sobre meu corpo e minha mente - o que, acredito, contribuiu para períodos de depressão e ansiedade.

Pensei que havia algo de errado comigo. Essa não era suposta ser a época mais feliz da minha vida?

Sabemos há algum tempo dos perigos da solidão para a saúde. Seu impacto é comparado ao efeito de fumar 15 cigarros por dia. Mas até recentemente, pouco se sabia sobre a solidão perinatal. De fato, o que estava sentindo não era nada incomum {k0} absoluto.

Alguns estudos sugerem que 80 a 90% das novas mães se sentem solitárias. Um estudo descobriu que 43% das mães abaixo dos 30 anos no Reino Unido se sentiam solitárias o tempo todo. A solidão é mais prevalente na nova paternidade do que na população geral e é mais comum entre determinados grupos de risco, como jovens pais, mães imigrantes e refugiadas, mães sem parceiros suportivos, mães cuidando de um filho com problemas de saúde significativos e pais transgêneros e não binários.

A solidão, sem surpresa, pode levar a doenças mentais. Em 2024, uma revisão de evidências realizada na University College London descobriu que a solidão é um fator de risco chave para a depressão perinatal. A autora principal do estudo, a Dra. Katherine Adlington, disse: "Encontramos que a solidão era central às experiências de mães esperantes e novas com depressão. A solidão crônica - se sentir sozinho frequentemente ou sempre - é agora experimentada por cerca de um terço de novos pais.

Esse nível de solidão e isolamento não parece ideal para uma espécie que depende do contato social para saúde, bem-estar, sobrevivência e aprendizado. Então, por que as mães {k0} nossa sociedade estão tão solitárias?

Alguma solidão existencial na maternidade inicial pode ser inevitável. Por exemplo, descobri que havia um processo individual existencial que eu precisava passar para dar sentido ao fato de trazer uma vida ao mundo através do meu corpo. Mas muita da solidão experimentada por novos pais é uma consequência de como algumas sociedades contemporâneas estão estruturadas.

Tomemos o período imediato após o parto. Em muitas culturas {k0} todo o mundo, incluindo na China, Japão, Índia e América do Sul, as novas mães seguem práticas ou ritos semelhantes após o parto que reconhecem a carga emocional que se tornar mãe traz, bem como o que um corpo passa durante a gravidez e o parto.

Essas geralmente envolvem alguma combinação de refeições ricas {k0} nutrientes, massagens, bebidas e banhos de ervas preparados por parentes próximos femininos, mulheres da comunidade ou assistentes pós-parto contratadas que cuidarão da mãe e do bebê por cerca de 40 dias. A mãe é esperada para descansar e ser cuidada, enquanto alimenta e se liga ao bebê.

No Vietnã, o período é chamado *namo*, o que significa "ficar {k0} um ninho". No Nigéria, *omugwo* é o nome da prática cultural Igbo de cuidados pós-parto dados à nova mãe e ao bebê por {k0} mãe ou parentes femininas idosas. No México, uma cerimônia de "fechamento dos ossos" ajudará a fechar emocional e fisicamente o corpo da mulher após a abertura extrema do parto.

'A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão.'

Nas sociedades ocidentais, uma nova mãe é geralmente deixada às próprias disposições após o parto. Ela normalmente dará à luz {k0} um hospital e retornará {k0} casa pouco depois. Se houver um parceiro, ele ou ela geralmente terá duas semanas de licença parental do trabalho e, {k0} seguida, o cuidador primário - geralmente uma mãe - cuidará do bebê {k0} casa por um período de tempo. Um parceiro pode estar de folga por apenas uma semana: {k0} uma consulta governamental publicada {k0} junho de 2024, uma das propostas de "reformas" é permitir que a licença paterna estatutária seja tomada {k0} dois blocos de uma semana separados, {k0} vez de duas semanas consecutivas. Como qualquer pessoa que teve cesariana ou parto lesionado saberá, geralmente leva mais de sete dias para andar normalmente de novo.

Mas {k0} capitalismo tardio, o tempo é dinheiro e as pessoas são pobres {k0} tempo. Em uma pesquisa de 2024 de pais, 14% dos pais que não tomaram nenhuma licença estatutária relataram que estavam muito ocupados para tirar férias do trabalho.

Um pai {k0} casa sozinho com um bebê é um construto relativamente novo. Para a maior parte da nossa história evolucionária, os humanos viviam {k0} pequenos grupos. Isso significava que as mulheres cuidavam dos filhos ao lado de outras, ou forravam juntas com seus bebês próximos. Nossos cérebros e sistemas nervosos evoluíram {k0} sociedades de criação coletiva de crianças.

Esse tipo de criação coletiva de crianças ainda existe hoje. Um estudo recente liderado por Nikhil Chaudhary da University of Cambridge sobre as comunidades Mbendjele BaYaka, que vivem {k0} florestas tropicais no norte da República do Congo, descobriu que múltiplos cuidadores adultos, conhecidos como "alloparents" - responderam a um bebê chorando mais de 40% do tempo, bem como forneceram contato físico próximo.

O apoio à criação de crianças, escreveram os pesquisadores, parece ter sido substancial {k0}

nosso passado evolucionário. "Os pais WEIRD (ocidentais, educados, industrializados, ricos e democráticos) hoje estão diante do desafio de criar crianças fora dos sistemas de cuidado cooperativo de crianças que têm sido tão importantes {k0} nossa espécie".

Nos primeiros meses de maternidade, algumas vezes senti que meu sistema nervoso simplesmente não havia evoluído para o cuidado físico, psicológico contínuo e individual que meu bebê precisava, frequentemente sem nenhum tipo de intervalo. Tornou-se um círculo vicioso. A solidão significava exaustão, o que significava pouca energia para qualquer um, o que significava solidão. Frankly, mesmo com meus filhos já fora das fases bebê, às vezes ainda assim acontece.

"Se alguém estivesse acima do nosso mundo, eles pensariam que isso é loucura total, porque aqui estão todas essas mães {k0} caixas pequenas," diz Andrea O'Reilly, uma professora na School of Gender, Sexuality and Women's Studies na York University, Toronto, e a fundadora dos estudos da maternidade, uma disciplina acadêmica que pesquisa tópicos relacionados à maternidade e ao feminismo matricêntrico (um feminismo centrado na mãe). "Como nós vivemos {k0} nossas casas, como organizamos nossos bairros, como organizamos o trabalho é tudo o que contribui para essa privatização absoluta da família."

Em 2024, o Experimento de Solidão descobriu que, inesperadamente, {k0} todo o mundo, as pessoas que vivem {k0} culturas individualistas têm mais chances de serem solitárias.

Por muito tempo, pensei que isso era minha culpa, meu fracasso. Mas desde que escrevi meu livro Matrescence, que é sobre a transição para a maternidade e como afeta a mente, o cérebro e o corpo, estou {k0} correspondência com centenas de mulheres e aprendi que muitas delas sentem a mesma coisa.

Há um aspecto relacional distinto na solidão das novas mães. Um padrão que vi nos mensagens que recebi dos leitores nos últimos anos ou mais desde que o Matrescence foi publicado é um sentimento de vergonha e estigma {k0} torno da experiência subjetiva da maternidade inicial, seguido de um silenciamento do self e isolamento, às vezes ao lado de choque, distress e, às vezes, doença mental.

Um estudo de 2024 liderado pela psicóloga clínica Dr Billie Lever Taylor no King's College London ilumina os aspectos sociais do distress mental pós-natal. Todas as mães se sentiram vergonha e ansiedade sobre serem julgadas "inadequadas", mas as mães de origens étnicas minoritárias, privação, ou que eram solteiras ou jovens sentiram um medo mais forte de serem julgadas como "mães más".

"Houve um senso de solidão nas crenças das mães de que estavam sozinhas {k0} seus sentimentos e deveriam admiti-los, impedindo interações honestas e autênticas com outras pessoas", escreveram Taylor e {k0} equipe. As mães que se sentiam distressadas se retirariam ativamente por medo de "serem um fardo".

A cultura individualista do Reino Unido pode ser uma surpresa para as pessoas de culturas mais coletivistas. Em um estudo de Taylor, uma mãe que se identificava como Black African e Muslim comparou o apoio social para mães {k0} seu país africano natal com a falta dele na Inglaterra. "Se você estiver lá agora, você sabe, seus pais, dar-lhes seus filhos às vezes. Dois dias, três dias, eles estarão com seus pais. Você terá um pouco de descanso. Mas aqui não há ninguém", disse a mulher.

Outros pesquisadores encontraram as causas da solidão perinatal incluem uma falta de reconhecimento das dificuldades de ser mãe, a carga da criação de crianças, a ausência de comunidade e redes sociais, discordância entre expectativas e realidade, e estigma ligado a dificuldades na amamentação.

Um senso de falha entre novos pais surgiu repetidamente {k0} um estudo de 2024 por a Dr Ruth Naughton-Doe, uma pesquisadora fellow na University of York especializada {k0} solidão. "Mas eles não eram fracassos", ela diz. "Eles foram traídos. Traídos por uma sociedade que não valoriza a criação de crianças. Traídos por serviços subfinanciados."

A solidão é uma luta para os pais novos - podemos todos parar de fingir que tudo está bem? |

Rhiannon Lucy Cosslett

Naughton-Doe descobriu que os fatores estruturais da solidão eram variados e incluíam pobreza e desigualdade, transporte público inadequado e inabordável, infraestrutura ruim (incluindo calçadas inseguras para cadeiras de passeio e poucos lugares para alimentar ou trocar um bebê), licença parental limitada e baixos salários de maternidade e paternidade.

Medidas de austeridade têm privado comunidades de áreas públicas seguras e acolhedoras para crianças pequenas e cuidadores. Um {k0} cada três crianças com menos de nove anos no Reino Unido não vive perto de um parque infantil. Centenas de bibliotecas fecharam. Centros de cuidados infantis Sure Start tiveram orçamentos cortados {k0} 60% desde 2010, com muitos fechando. A austeridade também erodiu o apoio social: desde 2024 na Inglaterra, os números de enfermeiras visitantes reduziram {k0} 37%.

Um tema comum no trabalho de Naughton-Doe é que as mulheres profissionais são um grupo de alto risco para a solidão perinatal. "Eles estão acostumados a ser ativos, serem valorizados e é um choque enorme quando assumem um papel que não é valorizado, você precisa aprender no local de trabalho, é sujo e eles são jogados {k0} um papel tradicional."

Um fator agravante na solidão hoje é a intensidade dos normas de maternidade contemporâneos {k0} uma sociedade hostil a crianças, que são, de certa forma, mais punidores do que eram para gerações anteriores. Para as gerações de minhas avós, as crianças eram mandadas para trás da porta e diziam para voltar para o jantar. Para minha geração, isso seria impensável.

Acadêmicos como O'Reilly traçam o desenvolvimento da ideologia de maternidade intensiva para o final dos anos 80. É definido por sociólogos como uma série de crenças. Primeiro, que a maternidade é natural e instintual para as mulheres e que a mãe deve ser a cuidadora primária. As crianças precisam de quantidades copiosas de tempo, energia e recursos materiais. As mães devem ser atentas às necessidades cognitivas e emocionais das crianças. A mãe deve ser satisfeita, feliz e calma.

Sem surpresa, "maternidade intensiva", que agora é estudada e praticada {k0} todo o mundo industrializado, está associada a má saúde mental materna, estresse e esgotamento.

O'Reilly criou seus filhos na década de 80 e 90 {k0} Ontário, Canadá, onde os grupos de bebês e crianças eram realizados principalmente para que as mães tivessem interações sociais e uma xícara de café enquanto seus filhos brincavam. Em algum momento {k0} torno do século, uma "obsessão com o desenvolvimento da criança" eclipsou a mãe e o natureza dessas reuniões mudou, ela diz.

O problema não é se concentrar nas necessidades e requisitos de bebês e crianças pequenas. É lutar para atingir esse ideal {k0} condições sociais que tornam isso impossível. John Bowlby, o arquiteto da teoria da ata ``

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - Jogue em nosso cassino online

Data de lançamento de: 2024-10-13

Referências Bibliográficas:

1. [sportingbet.png](#)
2. [spyur.vbet](#)
3. [juice casa de apostas](#)
4. [pixbet tradicional](#)